



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



Queda da fecundidade atravessa gerações

Conflito entre carreira e família e sobrecarga feminina estão entre os motivos que levam mulheres a não ter filhos

A minha avó materna teve duas filhas. Em 2026, esse número soa até alto, dado que a taxa de fecundidade no país está em torno de 1,55, segundo dados do Censo brasileiro de 2022. A questão é que a minha avó deu à luz na década de 1940 do século passado, quando a taxa de fecundidade era muito maior, com mais de seis nascimentos por mulher. O que leva as mulheres a não ter filhos ou a decidir ter um ou mais filhos?

As explicações são diversas e variam entre países. No artigo “Understanding Latin America’s Fertility Decline: Age, Education and Cohort Dynamics” (Entendendo o declínio da fecundidade na América Latina: idade, educação e dinâmica geracional), escrito por Milagros Onofri, Inés Berniell, Ra-

quel Fernández e Azul Menduina, as autoras argumentam que a tradicional discussão associada ao Nobel de Economia Gary Becker sobre o dilema entre ter mais filhos ou investir mais na educação e no desenvolvimento de cada um (quantidade x qualidade) pode ter perdido espaço para a perspectiva mais recente de Claudia Goldin, também laureada pelo prêmio.

O conflito entre carreira e família, a busca por trabalhos mais ambiciosos e jornadas mais longas, além da sobrecarga feminina nos cuidados, ajudam a explicar a queda da fecundidade nas últimas seis décadas.

No artigo, as autoras analisam a queda da taxa de fecundidade em diversos países da América Latina, incluindo o Brasil.

Uma das evidências é a redução dos nascimentos entre as coortes mais jovens, como adolescentes e mulheres de até 24 anos. Segundo o IBGE, em 2022, a idade média em que as mulheres brasileiras têm filhos foi de 28,1 anos.

De acordo com os dados harmonizados das Perspectivas da População Mundial das Nações Unidas, utilizados pelas autoras, entre 2000 e 2022, a redução de filhos entre as mulheres com menos de 30 anos explica a maior parte da queda na taxa de fecundidade no Brasil, sendo o grupo de 20 a 24 anos o que mais contribuiu, responsável por 39% da redução total nesse período, seguido por 28% atribuídos às mães adolescentes entre 15 e 19 anos. O mesmo padrão é observado em diversos

países latino-americanos analisados no estudo.

A composição etária, no entanto, não conta toda a história. O artigo também analisa a relação entre a queda da taxa de fecundidade e o nível de escolaridade das mães, utilizando dados de censos ou de estatísticas vitais. O Brasil, por causa do atraso no acesso aos microdados do Censo de 2022, que, até o momento não foram divulgados, não entra na análise.

Entre os países analisados estão os Estados Unidos, Chile, Panamá, México, Costa Rica, Colômbia e Argentina. Somente na Costa Rica há aumento nos nascimentos por 1.000 mulheres com ensino superior. Em todos os demais países e faixas de escolaridade, há uma queda nos nascimentos por 1.000

mulheres, especialmente entre as de menor escolaridade.

Por fim, para tentar compreender os efeitos comportamentais de longo prazo, as autoras utilizam dados de mulheres com ciclo de fecundidade completo, provenientes de coortes que nasceram entre meados dos anos 1950 e 1970.

Os resultados mostram que sucessivas coortes de mulheres na região tiveram, em média, menos filhos. Isso significa que a queda da fecundidade que observamos não se limita a um adiamento dos nascimentos e sugere quedas que persistem entre diferentes coortes.

No Brasil, mulheres nascidas em meados dos anos 1950 tiveram, em média, mais de três filhos, enquanto, na geração de 1979-1983, menos de dois. Assim, entender por que as mulheres, em sucessivas gerações, estão optando por ter menos filhos é fundamental para pensar políticas públicas de cuidado, de mercado de trabalho e de previdência.

Banri
Global
Account

Taxa única:
o upgrade que sua
conversão precisava.

Banri Global Account com IOF e Spread unificados
é mais dinheiro na conversão da moeda.

USD • EUR • GBP • CAD • AUD



Gol cancela voos diretos entre Porto Alegre e Buenos Aires

/ AVIAÇÃO

A Gol Linhas Aéreas deixará de operar com voos diretos entre Porto Alegre e Buenos Aires, na Argentina. A companhia informa que, devido a ajustes em sua malha aérea, a rota será descontinuada a partir de 28 de fevereiro de 2026.

A companhia continuará oferecendo o trecho por meio de voos com conexões em São Paulo, estendendo o tempo de viagem. O trajeto levava cerca de duas horas do Aeroporto Internacional Salgado Filho ao Aeroporto de Ezeiza. Com destino direto de Porto Alegre a Buenos Aires, apenas a Aerolíneas Argentinas mantém o deslocamento.

O anúncio ocorre após, em maio de 2025, a empresa aérea retomar os voos entre a capital gaúcha e o distrito de Buenos Aires.



WAGNER ASSIS/CEDRO PHOTOS/GOL/DIVULGAÇÃO/JC

Empresa deixará de operar a rota a partir de 28 de fevereiro de 2026

Anteriormente, a ligação foi interrompida em abril de 2016, ficando nove anos sem disponibilizar a linha. Na época, a baixa demanda de passageiros, em meio a um período de baixo crescimento e pós-recessão no Brasil, levou a companhia a tirar o voo da malha.

No ano passado, eram realizados três voos semanais (terça, quinta e sábado), saindo no período da manhã de Porto Alegre,

pelas 6h10min, com previsão de aterrissar às 8h no país vizinho. De Buenos Aires, o voo parte às 22h25min, pousando às 23h55min na capital gaúcha às segundas, quartas e sextas-feiras.

Segundo a GOL, clientes com voos marcados após o fim da operação já foram acomodados em novos voos, e serão notificados dentro de 60 dias que antecedem a viagem.

Azul fecha acordos com United e American Airlines

A Azul anunciou nesta quarta-feira que fechou acordos de investimento com a American Airlines e a United Airlines. Segundo comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), as companhias norte-americanas se comprometeram individualmente a realizar investimentos que apoiarão a capitalização da Azul na saída do Chapter 11, equivalente à recuperação judicial nos Estados Unidos, e estão integrados ao plano de reorganização da companhia.

“Nos termos dos EIAs (adiantamentos aos acordos de investimento ou equity investment agreements, em inglês) aplicáveis e das condições precedentes nele estabelecidas, cada investidor se comprometeu, separadamente, a aportar US\$ 100 milhões, totalizando US\$ 200 milhões em novos recursos, reforçando a estrutura de capital da Azul e apoiando a execução do plano e as opera-

ções da companhia após a saída do processo de Chapter 11”, diz a Azul.

Segundo a companhia, o aporte da United será realizado no contexto da oferta pública de ações divulgada ao mercado na terça-feira, de fevereiro de 2026 e com liquidação prevista para sexta-feira, de fevereiro de 2026 (ERO). Já o investimento da American espera-se que seja realizado mediante a emissão de bônus de subscrição, nos termos e condições previstos em um contrato de subscrição de warrants (derivativos).

“O efetivo exercício integral dos warrants pela American, nos termos do Warrant Subscription Agreement, incluindo o recebimento de todas as ações subjacentes e de quaisquer direitos econômicos ou políticos a elas vinculados, está sujeito ao cumprimento de determinadas condições precedentes ali estabelecidas”, ressaltou a Azul.